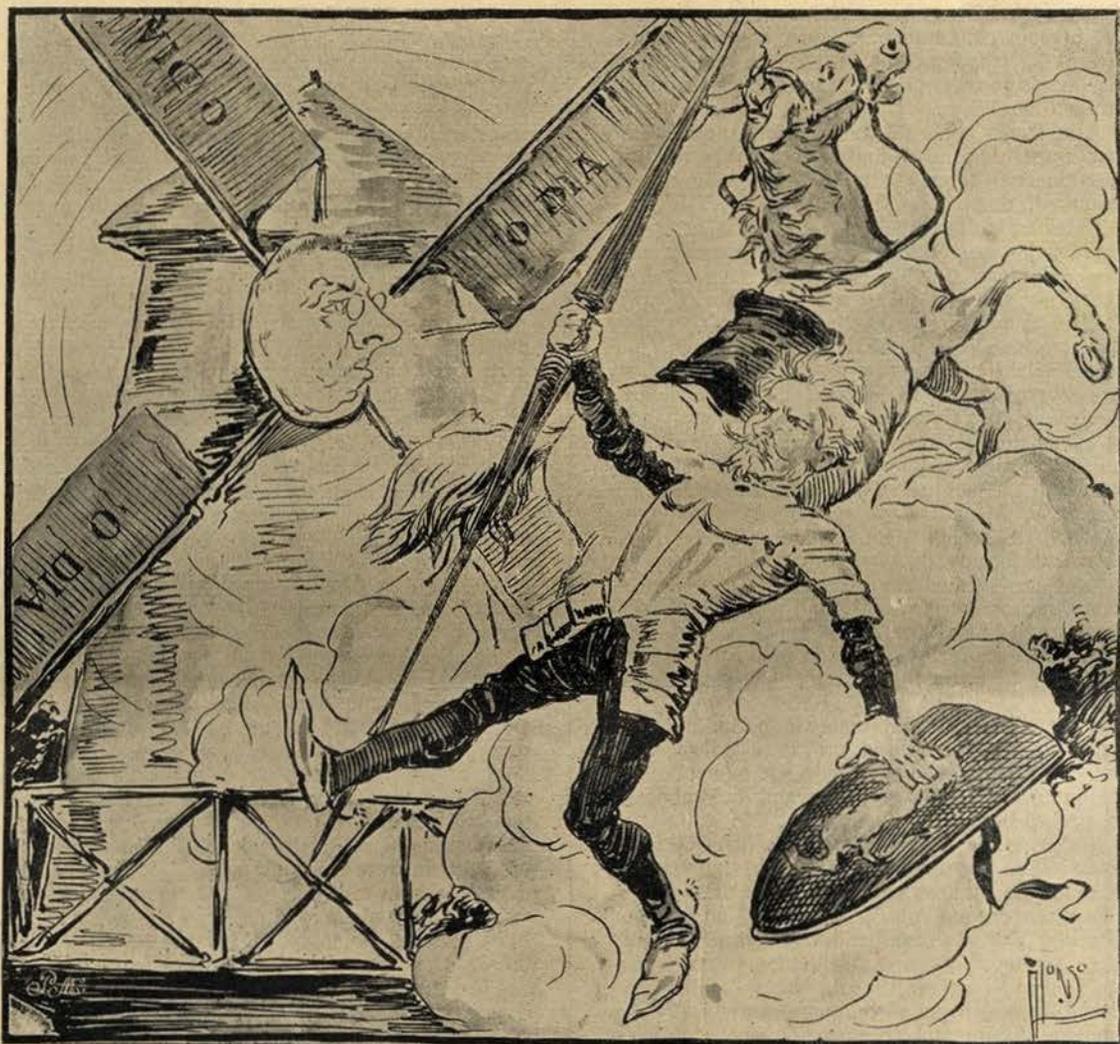




ATACANDO O "MOINHO"



D. Quixote Banana d'Almeida atirado por ares e ventos...

A PROPOSITO DO CASAMENTO DO REI

A personalidade d'El-Rei D. Manuel II está hoje em foco, por causa do seu casamento com a Princesa Augusta Victoria de Hohenzollern. E' portanto opportuno este momento para dizermos alguma coisa sobre o Monarcha que a revolução de 5 d'outubro afastou do secular throno portuguez, por tempo não determinado.

Nunca fomos cortezãos nas horas afortunadas do Poder e nem somos nem esperamos vir a ser partidarios *personalistas* d'este ou de qualquer outro Principe, porque para nós os principios são tudo e as pessoas só valem o bem que interpretam e representam as doutrinas d'esses principios. São, portanto, sempre firmadas na mais pura imparcialidade, as nossas palavras, quer ellas se refiram a Reis, quer se dediquem aos mais humildes filhos do Povo.

Para nós o Senhor D. Manuel não é simplesmente o symbolo d'um principio politico, é tambem um homem calumniado a quem o dever manda se faça justiça, principalmente n'este momento de demagogismo triumphante, que tudo pretende deturpar e envilecer.

Esta razão será até, por ventura, aquella que mais impera no nosso animo para as desvaliosas, mas sinceras linhas d'este artigo, a proposito do casamento do Rei.

Entre as muitas mentiras convencionaes que os republicanos ergueram, sobre os seus escudos, para conseguir impôr á experiencia os seus elixires, figura no primeiro plano a *traição* e a *cobardia dos Braganças*, descarregadas com a maior energia (com essa energia tão especial que lhes é peculiar) sobre o ultimo Rei de Portugal. Assim era preciso porque, se só na verdade os prégadores d'outros tempos tivessem assente a sua propaganda, ainda a estas horas o excellent sr. Bernardino andaria por esses quintalorios a cantar a *Semeteira* com os meninos das escolas primarias, e o *liberal* sr. Affonso Costa estaria injuriando nos comicios publicos e no parlamento, desde o primeiro magistrado da nação até ao mais modesto corneta dos regimentos e recebendo em paga os seus vencimentos de lente da Universidade, sem lá pôr os pés, na alternativa de conspirador rapado, com prisão confortavel servida pelo café Tavares e seguida logo, ao fim de 8 dias, de amnistia geral.

O expediente das calumnias foi portanto aceite como imprescindivel e a *traição* e *cobardia* do Senhor D. Manuel logo atirada aos quatro ventos por quantos Estevãos se prestaram, de lombo curvo, para o bem remunerado frête.

Ha perto de 3 annos que a affirmação vem sendo feita, envolta em phrasedo bombastico, recheado de logares communs, ôcos como a moileira d'um cretino, perfidos como a baba d'uma serpente. Mas as provas, a documentação, a explicação serena e argumentada, firme e incontestavel, ainda não surgiu á luz do dia, por mais inqueritos e devassas que se tenham feito sobre cartas e outros documentos intimos pilhados nos Paços Reaes, logo após o abandono d'estes pelos seus legitimos inquilinos.

O Rei tinha *combinações secretas* com estrangeiros sobre os negocios internos do paiz — dizem elles. Provem — diremos nós, e comnosco por certo todos, monarchicos ou republicanos, que prezem a honra e a verdade como sentimento proprio. E não venham com a desculpa, tão tola como infantil, de que altas razões d'ordem internacional se oppõem a isso, porque seria a confissão tacita de estarmos sujeitos a um servilismo e dependencia incompativel com a nossa dignidade de Povo livre.

Mas um argumento mais forte e mais evidente ainda vem reforçar a clareza da falsidade d'essa accusação. Se existisse qualquer pedido de interferencia estrangeira para assumptos portuguezes, elle seria naturalmente para o caso de qualquer revolta anti-dynastica. Pelo menos a logica assim o indica, pois, a não ser para este caso, só então accetando ter o Senhor D. Manuel feito *tratados secretos*, pedindo o auxilio da esquadra ingleza ou do exercito allemão para... demittir os ministerios ou addiar o parlamento! Pois muito bem. Quando foi da revolta de 5 d'outubro, que durou o tempo mais que sufficiente para ser conhecida em todo o mundo, emquanto a situação se não definiu, porque não appareceram então os naturaes effeitos d'essas terriveis combinações do Rei... *traidor*? Porque encontrou logo a republica as maiores facilidades da parte das potencias, tão grandes até que o armisticio pedido, durante a lucta, pelo representante d'Allemanha, é considerado como factor importante na sorte das armas da Rotunda? Assim, até parece que os *tratados secretos* do Senhor D. Manuel foram celebrados... pelo sr. Bernardino Machado!... Eis as provas da *traição* do Rei!

Aqui está, com a mais nitida clareza, exposto o problema d'esse mysterio, que tanto tem servido para rufos burilados da penna conselheiresca do sr. João Accacio de Menezes e d'outros d'igual jaez e, quando Deus quer, de menos grammatica. Se assim não é, que os nossos adversarios nol-o *provem*, não com insultos e reposição de vocabulario arrieiresco, campo esse em que sempre nos levam superior e indiscutivel vantagem, mas com argumentação séria e affirmações concretas.

Resta agora a *cobardia*...

Já não é a primeira vez que aqui nos temos referido ao caso, mas não é demais insistir. De resto, a documentação n'este ponto está feita ha muito e consta em mais d'um depoimento valioso.

Trahido igualmente pelo seu primeiro ministro, o sr. D. Manuel fez o mais que podia fazer. Durante uma noite inteira aguardou, fardado e prompto, a oportunidade para se pôr á frente d'um regimento. Mas onde estava esse regimento? Perto de 24 horas esperou indicações do quartel general. E que indicações lhe deram? Como poderia o Rei tomar sobre si a responsabilidade de uma qualquer acção isolada sem ser d'accôrdo com aquelles que elle julgava estarem executando um plano de defeza? Quem viu no Paço, n'esse momento, o presidente do conselho ou o ministro da guerra indicando, ao Monarcha um caminho? Quem viu sequer um emissario d'estes ou ouviu ao menos a sua voz ao telephone concertando um plano, orientando uma attitude? Como poderia o sr. D. Manuel ter ido ao Porto, como a todo o custo queria, mettido

n'um *yacht*, que o primeiro barco revoltado metteria logo no fundo assim que fôsse descoberto o seu intento? Onde tinha a bordo, artilharia para lutar ou marinagem para as manobras? Que queriam que fizesse? Que tivesse sahido do Paço, sosinho ou com tres ou quatro ajudantes que ali estavam, e fôsse d'encontro ao cano da pistola do primeiro revolucionario da *choça* d'Alcantara? Como suicidio teria sido original e assás comodo para os republicanos...

Cobarde e traidor! — dizem elles. Cobarde e traidor, sim, mas não o Rei. Cobardes aquellos que, na hora do perigo, emquanto os humildes, a quem as doutrinas dos comícios e dos pamphletos tinham desnortado, se arriscavam sem attender á vida e ao pão dos que, n'um casebre humilde, ficavam na orphandade e na viuvez, se escondiam cautelosos nos banhos de S. Paulo, na redacção d'um jornal a perguntar hypocritamente o que *seriam aquellos tios* ou n'um consultorio medico a retorcer a pera, promptos no dia seguinte a receber as honras... e os proveitos, ou a repudiar a connivencia nos tumultos no caso de mallogro! Traidores aquellos que, tendo por obrigação defender um regimen e uma bandeira, se acocoravam a atafulhar a barriga de *sandwiches* no quartel general, matando a nostalgia da feijoada com orelheira, como padrão symbolico de tristissima memoria!

* * *

Não necessitava El-Rei nenhum d'estes esclarecimentos para que a sua personalidade ficasse perante a Historia altivamente de pé, como um moço desventurado a quem a perfidia d'alguns dos seus conselheiros fez subir os degraus do Throno n'uma hora tragica e descel-os para um exilio que muito vale pela grande lição que encerra.

Mas é-nos grato, n'este momento festivo e solenne em que o sr. D. Manuel celebra o seu consorcio, registrar aqui estas palavras como preito á Verdade, repudiando assim calumnias venenosas que só teem o condão de demonstrar a falta de melhores e mais serios argumentos.

E a ellas — modesto brinde engastado unicamente n'um sentimento de justiça — juntamos os nossos melhores votos pelas felicidades dos Augustos Noivos do Castello de Sigmaringen, onde hoje, lá longe, no torrão germanico, tremula a bandeira azul e branca, como um pedaço da alma portugueza.

A 3.333 RÉIS DIARIOS...

Diz o sr. Pimenta na *Republica*:

«Aqui ha tempos, o governo actual, querendo dar provas da sua força e da sua coragem, foi-se muito caladamente até á camera, uma madrugada somnolenta, e apresentou á Representação nacional pisca dos olhos e estremunhada, a proposta do desdobraimento da Faculdade de Direito. A Representação nacional, bocejando da fartura de leis e de somno, approvou a proposta governamental, e o paiz, que na vespera adormecera com uma Faculdade de Direito em Coimbra, acordou, surprezo, com o luxo de outra Faculdade de Direito em Lisboa.»

Ora até que, finalmente, se apurou o que os deputados, nomeados pelo directorio, faziam na camera: dormiam!

Devemos concordar, porém, que faziam um servicinho barato: dormir sob a impressão dos discursos dos Rodrigues, dos Estevões e dos Faustinos a 3.333 réis por bico, é de graça! E' de graça e é um descredito para a *classe*!...

NORTADAS

Hontem e hoje...

Hontem o Povo coitado
Tinha taes difficuldades,
Que ao ver o *caldo enternado*
Cobria as necessidades
Com a protecção do Estado.

Hoje, então, com mais razão,
Que a sua q'rida Republica
Tudo lhe deve? Illusão!
Porque essa tal mulher publica
Até lhe *salgou* o pão!!

Hontem o Povo faminto
Batia á porta do rico
Maldado que nem um pinto,
E davam-lhe pão de bico
E uma garrafa do tinto!

Hoje, ricos? Que delecte!
Azues e brancos nem um,
Não ha ninguem que os aceite;
Por isso, sobe o atum
E' stá mais caro o azeite!!

Hontem, porém, que lembranças
Tu fazias, meu Zé Bóde!
Té dizias, sem tardanças,
Que *Elia* abolia o pagode
E a reinação dos Braganças.

Hoje, ó meu Zé, que palonços
Que nós somos todos, todos!
Tu, de aguentar, nem tens gonços
E *Elle* agora é só p'ra bodos
Da reinação dos Affonsos!!

D. PENGRENELLAS.

HOMENAGEM JUSTA

A Camara Municipal do nosso glorioso Barreto resolveu mudar a nomenclatura d'alguns largos. Assim, o largo de S. Carlos, dizem elles, que passe a chamar-se largo do Directorio; o largo de Santa Barbara, largo de 28 de Janeiro; o largo de S. Roque, largo Trindade Coelho.

Está tudo muito bem, menos o largo de S. Roque. Este, por dever de gratidão devia passar a denominar-se largo da Margarida, rainha das... flores, visto ligar-se com a chamada rua do Mundo.

Vá, reflectam, e não sejam ingratos. Lembrem-se que a propaganda deve-lhe muitos favores...

FRUCTOS DO "SUPERAVIT",

Os pobres professores primarios fartam-se todos os dias de gritar nos jornaes que lhes não pagam os vencimentos em atraso. Ha dias um d'esses desgraçados pedia no *Século* que ao menos lhe dess' m o ordenado de julho, porque os credores não esperam e o homem não sabia o que havia de fazer á vida. Olhem, sejam mais governados. Vejam o que o sr. Affonso Costa faz só com 25 mil réis por mez, e não se queixa.

Teem fome? Poi cantem-lhe a *Portugueza* ou a *Sementeira*, e se não ficarem satisfeitos é porque tem estomago *jasu tico* e n'este caso sem direito á vida.

Exigentes!

AMNISTIA A RETALHOS

O sr. Affonso Costa promete apresentar ao parlamento (lá para o anno que vem) um projecto de amnistia, inspirado *nos mesmos principios* do indulto anunciado para outubro. Ora os taes *principios* que mais se parecem com *finis* são já conhecidos do respeitavel publico. E portanto temos que a famosa amnistia será de retalhos talhados segundo o gosto de D. Affonso VII, o grande... estadista...

Em tudo hão-de mostrar sempre o que são!

COM "MARIA DA FONTE",

Segundo uma *ordem do exercito* recentemente publicada, os ministros e generaes só teem direito ao hymno da *Maria da Fonte*, ficando a *Portugueza* reservada para a continencia ás bandeiras e presidente da republica.

Achamos muito boa esta medida porque, juntamente com aquella outra determinação que manda os officiaes cantar em côro com os soldados, conduz a um conjuncto harmonico de grande effeito.

Ora imaginem o nosso valente Rapozo Botelho ou o integerrimo Corceia Barreto a bambolearem-se ao som da remexida *Maria da Fonte*, todos airosos...

O peor é aquella passagem que diz assim:

Eia avante, Portuguezes!
Eia avante e não temer!
Pela santa liberdade
Triumphar ou perecer!

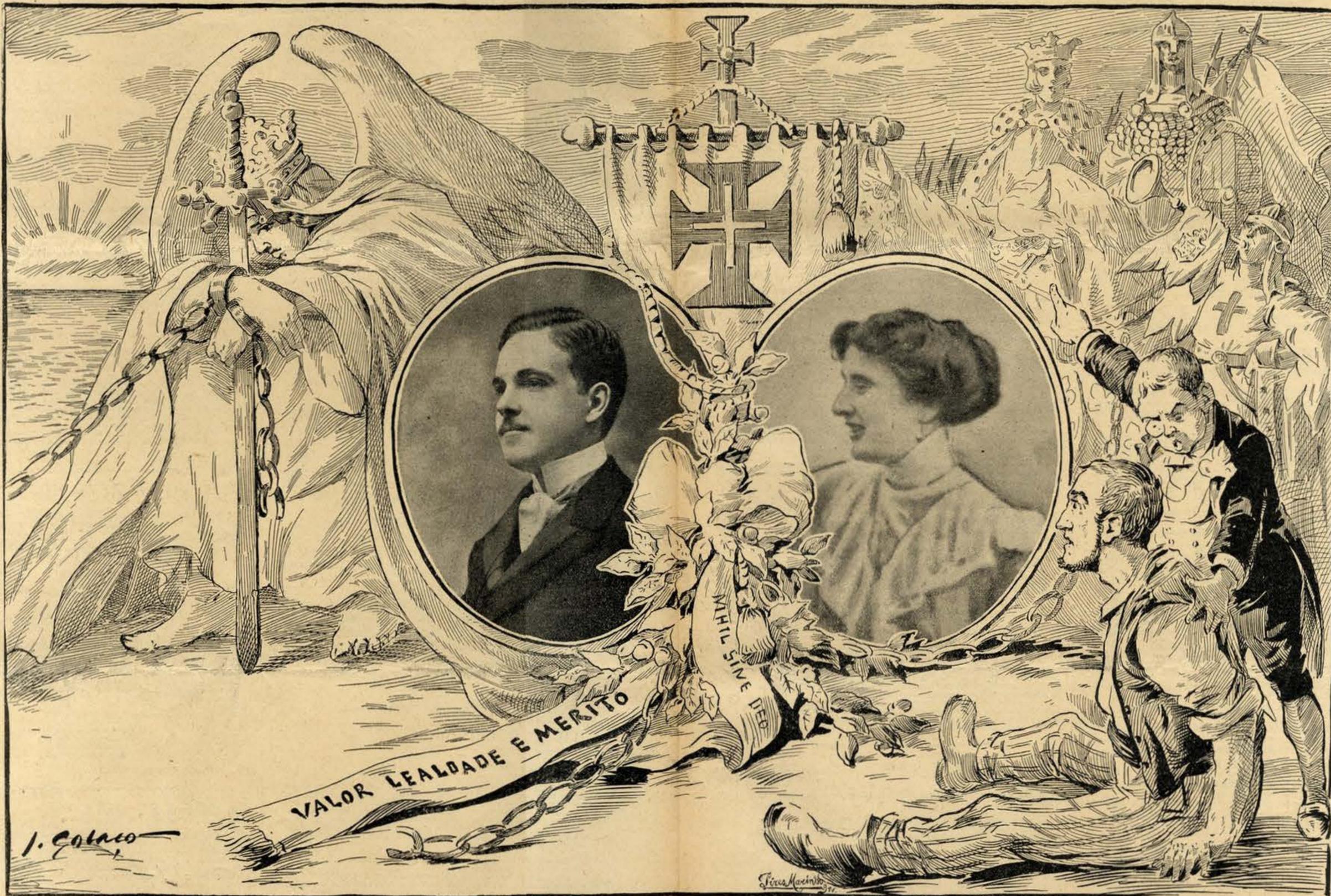
Até parece piada. E que piadão!...

A QUEM SE DEVE

Afinal sempre é ao Sr. Antonio José Barana d'Almeida que se vae dever a amnistia. Se não fôsse aquelle celebre artigo da *Nova balbardia*, do divertido *côca-bichinho* do evolucionismo, não teria o nosso Affonso pensado em tal. Mas assim, só para mostrar que Sua Aeroplanencia não diz se não tolices, (e n'este ponto estamos d'accordo com o Sua Omnipotencia) mandou logo annunciar a amnistia aos retalhos quando o parlamento abrir.

O que dirá a isto Sua Sebercia do Calhariz?

SALVÉ!



"O Thalassa", prestando homenagem aos Regios Conjuges, lembra ao povo, n'uma evocação do passado, a necessidade de despertar...

DEPLORAVEL ENGANO

O sr. Victoriano Luz é um dos mais entusiastas admiradores da *União Republicana* em geral e do sr. Brito Camacho em particular. Mas o illustre cidadão, que reside sempre n'um recanto afastado da provincia, por uma complicada serie de circunstancias nunca tinha visto o chefe unionista, conhecendo S. S. unicamente pelas suas brilhantes provas escritas e oraes e por um retrato assaz favorecido publicado em tempos na *Ilustração Portuguesa*.

A noticia da ida do sr. Brito Camacho a Santarem, fez germinar no cerebro do sr. Victoriano Luz uma ideia que o entusiasmou.

— Vou a Santarem vel-o e prestar-lhe as minhas homenagens. Isto tem que ser, porque até chega a ser indecente que eu não conheça o meu chefe.

Firme n'esta inabalavel resolução, o Luz começou tratando dos preparativos para a viagem, cheio de alegria e commoção.

— Vou enfim vel-o! Honrar-me com um aperto de mão seu, quem sabe se até com um abraço! Mas eu preciso preparar-me convenientemente para saber estar com o grande estadista. Que alegria! Que feliz dia vai ser esse para mim!

A esposa do sr. Victoriano andou n'um rodopio durante uma semana, arranjando a melhor roupa, escovando a sobrecasaca, passando o chapéu fino, ao som das constantes recommendações do marido.

— Anda, vê lá como arranjas isso! Olha que eu tenho que ir um brinco...

D'uma vez, estava a respeitavel consorte do Luz passando umas ceroulas, quando elle interveiu, nervoso:

— Para que é isso?

— São umas ceroulas para tu levares.

— Passajadas? Tu estás maluca! Então, eu hei-de ir cumprimentar o grande tribuno com roupa velha? Que falta d'attenção!

— Crédo, homem! Até parece que te vaes pôr em ceroulas deante do sr. Brito... — retorquiu a esposa muito confuzo com toda aquella balburdia, que tinha transformado o remanso do seu lar n'um inferno.

Chegou finalmente o dia solemne. O sr. Victoriano, depois de larga consulta no horario, resolveu-se por um comboio que chegava a Santarem cinco minutos depois d'aquelle que levava de Lisboa o apreciado homem publico do Calhariz.

Carregado com uma volumosa mala de mão e varios embrulhos, partiu o Luz com o coração aos solavaneos de prazer.

Quando chegou ao terminus da sua viagem, espreitou, receoso, pela janella da portinhola.

— Já deve ter chegado. Provavelmente estão ainda nas manifestações.

Na gare apenas meia duzia de individuos formavam um grupo, conversando.

— Já se foram — pensou o Victoriano. — Provavelmente o meu comboio chegou atrasado.

Desceu apressado e, lançando um golpe de vista pela estação, procurou alguém que lhe transportasse a mala para mais rapidamente alcançar o hotel, onde a sua phantasia de correccionario entusiasta idealisava o chefe da União como um Cesar no Capitolio.

N'esse momento, um individuo mal trajado atravessava a gare coçando a cabeça.

O Luz chamou-o.

— Pst! pst! Olhe lá, pegue aqui na mala, mas depressinha. Elle já chegou ha muito?

O individuo parou de coçar e olhou o Luz com o sobrolho carregado.

— Vá, homem, mexa-se — tornou o Victoriano. — Quero ir sem demora para o Central ouvir todos os discursos.

E vendo que o homemsinho continuava pouco disposto a pegar na mala, ajuntou, mexendo na bolsa:

— Descance, que pago bem. Mas o que eu quero é ir vêr já o meu chefe, o glorioso dr. Brito Camacho, que ainda não vive a honra de conhecer pessoalmente.

Então o individuo, olhando com menos severidade para o seu interlocutor, declarou solemnemente, acabando de arrancar uma postelassinha de caspa da cabeça e segredando junto da cara do Luz:

— O glorioso dr. Brito Camacho, seu chefe, sou eu!

O pobre sr. Victoriano Luz ia cahindo fulminado por uma apoplexia, o que tanto poderia ser attribuido ao espanto, como aos effeitos do halito do valoroso capitão.

Deploravel engano!

SALTA UM TIRO PARA UM!

Anda no ar certa cousa,
Fina, impalpavel, mimosa,
Como o aroma da rosa,
Que não se vê, não se encontra,
Fugindo á vista raivosa.

A policia fareja,
Busca por todos os lados,
Corre os campos, povoados,
Mas escondem-n'a á vista
Os tristes, órriveis fados.

E pergunta a toda a gente
Se não viram um canudo
Com cano, coronha e tudo
Que faz com estrondo: *pum!*
Matando o mais façanhudo.

Affonso então resolveu,
Já que assim o quiz a sorte
Que lhe deu vida tão forte,
Em vez de vida o seguro
Fazer seguro de morte.

O Affonso quer um tiro
Já p'ra'li, sem mais demora;
Se não lh'o dão, diz que chora
E que não está no governo
A governar uma hora.

Quer um tiro por favor
Que seja lindo e gostoso
E lhe dê mesmo algum goso
Como o decantado tiro
Do *coupé* mysterioso.

Mas o tiro tão magano,
Esse tiro de favor,
Que mata sem fazer dôr,
Não quer attingir o alvo
Do omnipotente senhor.

BEM RESPONDIDO

Uma senhora ia um d'estes dias n'um electrico, levando na mão o *Dia* e o *Thalassa*. Em certa altura um *cidadão* gracioso que ia a subir, passando junto da referida passageira e olhando para os jornaes, exclama escarinhoso:

— Ora a *thalassona*!...

Sem se desconcertar, a senhora retruque immediatamente:

— E ainda lá tenho em casa a *Nação* e os *Ridículos*.

Bem respondido. Ah! Illustres leitores, cada vez estamos mais convencidos de que o brasileiro que aqui esteve o anno passado tinha carradas de razão, quando dizia que n'este paiz só quem usa saias é que tem mostrado coragem: os padres e as mulheres.

MAIS "SUPERAVITS,"

Decididamente o sr. Affonso Costa é uma chocadeira de *superavits*! Agora dizem os seus jornaes que arranjo mais 111 contos na gerencia de 1912-1913.

Estas coisas, é claro, não custam nada a escrever no papel e este tudo consente sem protesto.

Mas se realmente ha tanta *massa*, porque continuam os operarios do Estado reduzidos a meios salarios, e os professores estão mezes e mezes sem receber os seus vencimentos?

Ora... bolas!...

OS EFEITOS

Aquelle caso d'uma cavalgada que está exercendo o cargo de regedor na Figueira da Foz, explica-se pela bebedeira com sopas de vinho.

Provavelmente o animal, quando escuteu a imagem de Christo, vinha suado e o dono, para refrescar, deu-lhe a ração com sopas de vinho. D'ahi a sarraivada de coices que disparou.

Pois é prendel-o bem curto e em cavalleria separada.

O INDULTO

Parece que o Chefe do Estado, para commemorar o nascimento do *superavit* (!!) temoia dar um indulto aos presos politicos em 5 d'outubro proximo. Esta medida porém só será extensiva, segundo a nota officiosa do governo, aos presos politicos já julgados que foram levados á pratica do crime de *rebelião por influencias e suggestões alheias*.

Isto, traduzido em meudos, quer dizer: o indulto só será concedido a quem o Sr. Affonso Costa quizer. Ora lembrando-se a gente que o Czar está montando a machina eleitoral, julgamos desnecessario mais comentarios... Que grande *gafo* nos sahiu o compadre Affonso!

PROJECTOS...

A *Lucta*, noticiando a proxima sahida para Vidago do sr. dr. Augusto de Vasconcellos, diz:

«Ha tres annos que o prende o serviço da Republica, privando-o d'esse beneficio, necessario á sua boa saude. Aproveita a liberdade provisoria em que se encontra agora, indo tratar de si, o que não pode ser levado a mal por quem passa a vida... a tratar dos outros.»

Aproveita a liberdade provisoria?!

Quê, ainda teremos de gamar novamente *El tanto mysterioso*, ou será para nos vir explicar aquelles *entendimentos averiguados dos monarchicos na greve dos electricos* de que «*El Tanto*» possuia *provas*?!

Outro officio!...

CHRONICA DE VERÃO

IV A intriga

O reino da colônia da Buraca foi ha dias tolidado por uma nuvem que ia tendo desagradáveis consequências. Desde a noite do cotillon (*vide n.º 24 do Thalassa*) que a Mimi Alves adquirira a certeza que o coração do Vasquinho pulsava descaradamente pela Bia, desprezando assim todos os seus encantos e mais dotes de nomeada, entre os quaes é de justiça mencionar os soberbos bordados a maliz, como exuberantemente attesta uma almofada de setim verde com dois pintos amarelos a sahirem da casa segurando artisticamente no bico o retrato do seu proscenitor, o respeitavel e democratico sr. Alves, almofada que se ostenta na sala de Lisboa no sofá grande, com uma folha de papel de seda a preservar-as das irreverencias das moscas.

A Bia, que nunca podia esquecer a figura airosa do enteado do sr. Abreu, via ha muito com raiva a preferencia que este ia concedendo á filha do Silva desde que se haviam instalado na Buraca a passar a estação calmosa. Mas a esperanca de fazer vingar os seus attributos de belleza sobre a rival, fizeram-lhe aguardar sem escandalo de maior o momento do seu triumpho. O cotillon porém tirou-lhe todas as illuões. O quê? Pois n'um seu vestido branco todo enfeitado a laços cõr de rosa, com uma grande taxa bordada a l'nejonias, havia conseguido impôr com superioridade a sua figura sobre a da Bia? Nem os seus *chis-chis*, producto d'uma noite inteira de t'balho e d'um dia completo espetada n'uma cadeira para os não dessem nchar, tinham conseguido fascinar o Vasco? Mas o que encontrava esse parvo na delamoida filha do Silva, que tinha ancas d'algodão e suava dos pés?

A Mimi Alves comecou o Vannagrecos de raiva; e uma tarde, suggestionada pelo folhetim do *Scatolo*, onde tinha de-coberto um caso identico ao seu, jurou vingar-se tal qual a heroina do romance. O acaso proporcionou-lhe o ensejo, mais cedo do que ella julgava, para pôr em pratica todo o plano diabolico que lhe agitava o cerebro, fazendo o coração aguar-lhe de prazer.

A chegada d'um novo veraneante á Buraca foi n'occeuilho o cumplice imprescindivel para levar a effeito a manobra inspirada no folhetim do *Scatolo*.

Fechou-se no seu quarto e com letra disfarçada escreveu estas linhas envenenadas d'intenção, n'uma folha de papel e cartas:

Querida Bia

Estou resolvido a renegar a minha falta casando contigo. Ninguém sabe da minha presença na Buraca. Não demores a resposta porque a'hi a pouco tudo se descobrirá e eu quero evitar que teas pacs saibam.

Teu noivo

J.

Os olhos da Mimi Alves faiseavam-lhe saboreando a vingança. As mãos tremiam-lhe, mas n'um movimento decidido foi bus. ar um sobscripto e escreveu o nome da Bia Silva. Depois, fechou a carta e tornou a ubri-la para dar illuões de já ter sido recebida pela sua d. sinatária.

A primeira parte do plano es avia executado. Falta va agora arranj. r forma de faz. r chegar as mãos do Vasquinho aq. u. illa carta. Depois de muito pensar, a filha do Alves resolveu a maneira mais pratica e segura de conseguir esse fim. Endereça-lhe directam. te pelo correio acompanhada d'um papel com estes dizeres simples e terriveis: *Ahi va essa prova de como anda enganado.*

Era sempre pelas 11 horas da noite que o Vasquinho ia namorar a Bia, pelo lado fazeiro da casa, junto da pocilga do porco, que de vez em vez acompanhava os ternos madrigaes com sonoros roncões. A fi ha do Silva, encarpitada na fresta da cozinha, artava de paixão n'aquella noite tepida e luarenta em que os grillos cantavam com mais força pelas varzeas frescas do povoado.

Já tinham dado onze e meia quando o enteado do sr. Abreu surgiu tremulo e vacilante.

— Que tarde hoje, Vasquinho. Já estava em cuidado...

— Nem mais... nem mais uma palavra sua... sr. A. D. Bia!... Vá buscar as minhas cartas... — gaguejou o Vasco com a boca secca e os musculos em contracções.

— Ah! Vasquinho, mas o que é isso! Tu estás a brincar com certeza... — Sei tudo. Era infame o que a senhora pretendia fazer de mim! Que tolosa...

— Cala-te, Vasquinho, cala-te, que já estou a sentir o jantar todo a embrulhar-se-me no *est. nago*. Tu deliras com certeza! O que que querem dizer as tuas phrasas?

— Basta, senhora. Terminemos esta situação equivo. ca. Quer então que eu lhe mostre a prova? Ah! a tem, sua desvergonhada, e amanhã quero todas as minhas cartas em minha casa, e as suas virão em seguida.

E o Vasquinho, n'um repelão, atirou com a carta diabolica da Mimi Alves, á cara da Bia.

— Espera, Vasco, espera...

O enteado do Abreu não quiz ouvir mais. Cheio de dignidade saltou a pocilga e correu rapido pela estrada.

A Bia, rubra de commoção, recolheu apressada ao seu quarto. Foi então ahi, á luz indecisa da vela que leu, tremendo de raiva, a carta anonyma da sua rival. Uma crise de choro convulso pôe toda a casa em alarido.

— Que foi isso, menina? Que tens? — interrogou afflicta a D. Annica Silva, levantando-se em camisa e espreitando á porta do quarto.

A Bia disfarçou. Não era nada. Nervoso, simplesmente nervoso. A habitação dos srs. Silvas voltou de novo ao seu socego normal, e então a rival da Alves comecou traçando com a sua melhor calligraphia uma missiva burrificada de abundantes lagrimas, toda pontuada de suspiros.

Adarado Vasco

Acim te chamo ainda apesar das ó fensas que de ti arcebi hontem bem injusto fos-te com m. g. s. m. que en tal te merecesses? Ai Vasco! o que eu tenho sofrido por causa d'essa intriga que que quem rubarte ao meu Amor; são invejas Vasco não ocrasites juro-te que são porque eu nunca tive oit. r namoro a não sere o Arture Rocha e isso foi uma Brincadeira só 15 dias. Ai! Vasco a carta é falsa pois se não fóra, que elle venha á minha presença e mais do meu Popa que eu não tenho medo. Vasco eu já quiz culci. dar-me mas primeiro quero provar a minha innocença e depois matarme por que acim a Vida é suplicio impovivl com o desdem dos teus lindos Olhos, não. Vasco eu tinha já tuilhas para o noço inaxivale e serão acim para a minha muralha porque eu sou mo. tar-me com pivrollo. Ce não ocraditares na carta que é inter. h. então não me mata, mas quero que saibas as verdades e preceres o tal home e certifiques da Verdade, e vem falar-me para eu decidir do pivrollo. A deus Vasco vem já que eu estou ó pé da pocilga do porcu á tua espera.

da que te Ama até ao fim do Mundo

Bia Silva

Olha que lá gomeitei tres vezes e estou muito affligida e sinto tudo d. roda.

Logo de manhã o rapazito das compras marchou com esta carta para casa do Vasquinho, e meia hora junto da pocilga a Bia e o enteado do sr. Abreu deitou de um diluvio de lagrimas, comecaram ternamente examinando a carta terrivel que tantos martyrios tinha feito passar áquelles corações.

— Espera Bia, espera. A letra está disfarçada. Isto aqui houve pouca vergonha das Alves, que aproveitaram a chegada d'aquelle rapaz louro que está hospedado no Duarte para me fazerem acreditar...

E n'um beijo casto e respeitoso juraram um amor eterno e uma desforra terrivel contra a auctora da intriga.

“O THALASSA,,

Deixou o seu cargo d'administrador d'este semanario o nosso amigo o sr. Isaac Levy, a quem *O Thalassa* deve o melhor do seu esforço e da sua intelligencia.

Atasta-o da nossa camaradagem o seu curso de medicina, a que tem de dedicar tempo e trabalho que até aqui não podia dispender.

Vem a substituir o sr. Levy outro nosso amigo o sr. Aprigio Mafra, jornalista de carreira, cujos credits ha muito estão firmados pelas brilhantes manifestações da sua fecunda intelligencia. Muito tem a ganhar *O Thalassa* com a sua gerencia, pois da amizade, competencia e amor ao trabalho são seguro penhor o passado d'este nosso illustre amigo.

PLEBISCITO

QUAL É O PARLAMENTAR MAIS “NÓNES.?”

Desejando dar meu v.º
No lindo plebiscito
Da lista dos estadistas
Esco-li o mais bonito.

Esse Nones escolhido
D'entre tanto figurão
É a mais pura creatura,
O mais limpo cidadão.

Não pergunteis o seu nome:
Só vos digo que tens graça.
Sendo preciso fallar
Eu cá m'acho, sór *Thalassa*.

Eu vi nascer o Faustino.
Já trazia um N na test!
O caso parece extranho,
Porém a verdade é esta.

Um N! Que significava?
Todo o mundo matou:
Negro? nada? não? nouseas?
Nitro? Ninguém acertou.

Afinal a cousa é simples.
N é Nones. Muito bem.
Pois rearem que inda hoje
Elle o N na testa tem.

AMAO.

ALVARO PINTA MONOS.

Em Portugal hoje em dia
Só duas cousas dão luz.
São ellas: Bomba e Faustino.
São duas cousas de trun.
Bomba—luzeiro da morte,
Faustino—estrela sem luz.

BICO DI PENNA.

AMADEU.

MAIS ATTENTADOS

No curto espaço d'um mez temos, até á data, nada menos de 5 criminosos suspeitos de quererem attentar contra a vida do Czar Alfonso, a saber:

- 1.º — O homem de Santarem;
- 2.º — O marinheiro do Porto;
- 3.º — O hespanhol tambem do Porto;
- 4.º — O estudante apanhado na escada do Sr. Costa;
- 5.º — O homem dos impostos que queria pedir perdão ao Czar pôr ter pensado em matal-o.

Assombroso de ridiculo!

THEATROS

Republica. — A's 8,45 e 10,30 — A revista *De Capote e lenço*, com o seu novo quadro *40 grans d'ombra*, continua a ter enchenfes todas as noites.

Avenida. — A's 8,45 e 10,30 — Prosegue com agrado geral *O 31*, revista interessante, contando já centenas de representações.

Apollo. — Continua em scena o *Hamlet*, peça de grande espectáculo, em que Angela Pinto mais uma vez mostra os seus dotes artisticos.

Fantastico. — *Cão que ladra...* (revista) com o novo quadro *Ferros de palmo*.

ANIMATOGRAPHOS

Os melhores, mais chios e de melhores fitas

Salão Foz. — Animatographo e variedades. Estreiu-se com geral agrado a completista e ballarina La Sateri e a distincta cantora Italia Acis.

Salão da Trindade. — Animatographo e variedades. — Estreiu-se pela segunda vez a *touandillera* La Bela Dalha, nas suas canções regionaes.

Terrasse. — Rua Antonio Maria Cardoso.

Olympia. — Rua dos Condes.

Central. — Avenida da Liberdade.

Chantecler. — F. dos Restauradores.

The Splendid Foz Garden. — Continua sendo este o ponto de reunião preferido pela nossa sociedade.

Marrocos e Nós



I. Soares

Diferença de civilizações ...